



Eternamente, João

Forever, João

Para siempre, João

Maria Regina Bortolini de Castro

FMP/FASE

Petrópolis, RJ, Brasil

reginabortolini@mpfase.edu.br

Em 1º de abril de 1959 (não é mentira, não!), filho de seu Jayme e Dona Norma, nasce o carioca João Carlos de Miranda. Passou a infância aprontando em Laranjeiras com seus quatro irmãos. Adorava a natureza, passava dias acampando na Floresta da Tijuca com amigos. Tricolor, compartilhava sua paixão pelo time com o avô nadador, muitas vezes medalhista pelo clube.

João.

Seu espírito ecológico o levou aos estudos sobre as questões ambientais... Fez Biologia, mas não lhe bastou e foi fazer mestrado em Geografia... E como queria mais, foi trabalhar no interior... conhecer o Brasil... De volta, veio para Petrópolis. Queria fazer a diferença, e por seis anos o Projeto Marco Zero, um estudo das condições de vida e saúde de Petrópolis... Não sossegava, estava sempre querendo fazer mais...

Era assim, inquieto.

Como professor, era encantador. Tinha um charme que desenvolveu porque, segundo ele, era o necessário para “homens franzinos como eu”. Galanteador, suas aulas eram cheias de debates polêmicos, furor pedagógico, competência erudita. Inúmeras vezes homenageado, seus alunos não o esqueciam. Vivia rodeado de “pirralhos” bebendo da sua luz.

Um professor comprometido.

Era um homem de ideias e compromisso ético. Coisa rara hoje em dia, mas ainda de muito valor. Quem somos nós se não temos compromissos com certos valores, princípios, que costuram nossas práticas, dão sentidos a nossas vidas? Ninguém tinha dúvidas sobre como a ética era importante para o João. E como sua ética era a ética do ser humano, não era a ética do lucro a qualquer preço, do individualismo e da competitividade.

Um homem que honrava o compromisso da palavra.

João prezava pelo trabalho colaborativo. Tinha uma habilidade única de reunir pessoas com diferentes ideias, perspectivas e posições, e pô-las em diálogo. Mesmo em situações de conflito, era capaz de encontrar uma solução de consenso. E se o consenso fosse mínimo, buscava alternativas. Depois que abraçava um projeto, não desistia nunca. Por vezes, podia precisar de um fôlego (era humano, afinal). Mas a mera dúvida de uma aluna, palavra de um amigo ou a lembrança de um ente querido era suficiente para lhe recarregar as forças.

Um ser humano generoso.

Tratava a todos como iguais (claro que tinha um apreço especial pelo gênero feminino; dizia que a mulher era a melhor criação de Deus, se ele existisse). Tinha sempre um sorriso, uma gargalhada gostosa, um abraço confortante a oferecer.

João era uma estrela a nos iluminar com sua alegria e energia. Uma luz vibrante que deixou rastro e hoje ainda ilumina nossos corações.

*É bom saber
Que és parte de mim
Assim como és
Parte das manhãs*

FMP: uma escolha para a vida

FMP: a choice for life

FMP: una opción para la vida

Paulo Cesar Guimarães¹

FMP

Petrópolis, RJ, Brasil

paulocesar@fmpfase.edu.br

O meu carinho pela Faculdade de Medicina de Petrópolis é imenso. São 40 anos como professor e mais seis como aluno. É toda uma vida na FMP, que acaba de completar 50 anos. Cheguei aqui extremamente jovem e vivenciei muitos momentos.

A minha ligação com a Faculdade de Medicina de Petrópolis estava predestinada. Nascido e criado na Tijuca, um bairro à época burguês, no Rio de Janeiro, sempre fui apaixonado pela cidade de Petrópolis, sentimento esse alimentado também por meus pais que viam o município como um paraíso na Região Serrana do Estado. Desde então, visitas a esta cidade belíssima eram frequentes, inclusive uma de minhas tias tinha um apartamento no antigo Hotel Quitandinha.

Após concluir o antigo científico, hoje ensino médio, no Colégio Pedro II (que era considerado o colégio padrão do Brasil) e prestar vestibular para a UFRJ, fiquei excedente e fui enviado para a Universidade Federal da Bahia UFBA. Posteriormente, fiz outro vestibular para a recém fundada Faculdade de Medicina de Petrópolis e passei. Então, relembrei a minha infância e optei pela FMP. Meus pais ficaram eufóricos. Era mais um motivo para visitarem a encantadora Cidade Imperial. Contudo, meu pai, que era contador, nunca foi à faculdade, na época localizada na Estrada da Saudade, no distrito de Cascatinha. Minha mãe, professora, somente foi ao campus duas vezes: quando eu passei no vestibular e em uma ocasião em que sofri um acidente e fiquei imobilizado, então ela me levou de carro à Faculdade para fazer uma prova. Eles queriam que eu fosse totalmente independente.

Um fato interessante aconteceu anteriormente. Quando vim conhecer a Faculdade de Medicina de Petrópolis, na época em que eu ainda estava fazendo cursinho de vestibular, visitei o campus com uma vizinha e seu pai, que tinha um LTD da Ford, um carro enorme para trafegar na Estrada da Saudade e dividir a estreita estrada com ônibus e caminhões, sobretudo sem saber a exata localização da faculdade. Almoçamos no centro da cidade, pegamos algumas informações e fomos em direção ao bairro. Durante todo o percurso, paramos várias vezes para pedir informações aos

¹ Médico pediatra e infectologista pediatra. Egresso, professor e diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis.

moradores, que indicavam estarmos no caminho certo. Por fim, o percurso foi tão tumultuado que o pai de minha vizinha, por achar que a faculdade estava localizada muito distante do centro, não permitiu que a filha prestasse o vestibular. Eu fiz a prova posteriormente, passei e fiquei muito feliz. A minha querida vizinha, que seguiu a “ordem” do pai, se arrependeu profundamente.

Vindo de uma família de classe média, meus pais não tinham condições de alugar um apartamento que, junto com a mensalidade do curso de Medicina, ficaria inviável. A sorte é que eu era filho único, com 17 para 18 anos de idade, então, a princípio, foi possível ficar em uma “república”. Era uma casa muito antiga, que funcionava como uma pensão, pois a dona da residência continuava morando lá. Éramos nove estudantes, do primeiro e do segundo ano da FMP. Cada quarto com dois alunos. Essa experiência foi um divisor de águas para mim, que estava acostumado com meu próprio quarto, meu armário, as refeições nas horas certas e o ambiente organizado, o que mantenho até hoje. Mas é muito difícil manter isso dentro de uma “república”, com outros jovens.

Descobri, assim, que existia outro mundo e senti que eu devia passar por isso, conviver com outras pessoas que não pensavam da mesma forma que eu. Não havia um espaço meu. Até o lanche era compartilhado, e as roupas... Não era raro um colega passar por mim na rua vestindo um de meus casacos. Então eu passei a aplicar o mesmo método. Muitos anos se passaram, perdi contato com alguns, mas de outros ainda tenho notícias e estes são excelentes médicos, muito bem colocados profissionalmente. Como o Egberto Manoel Guimarães da Costa, um dos maiores anesthesiologistas do Rio de Janeiro, que acabei de encontrar na última “Reunião de Turma”, na cidade de Tiradentes, MG.

O meu primeiro ano na FMP foi excelente. Eu sempre gostei de estudar e aqui eu precisava estudar muito. Talvez tenha sido o ano que eu mais estudei, pois todo o conteúdo era extremamente novo para mim: Histologia, Fisiologia, Bioquímica, Biofísica... Eu nunca havia estudado nada parecido antes. E, como a faculdade era autorizada, mas não reconhecida pelo MEC, o grau de exigência era maior. Os professores, com raríssimas exceções, eram muito exigentes, como o professor Antônio de Souza Queirós, da disciplina de Anatomia, que foi marcante para mim pela sua capacidade profissional e pelo seu senso de justiça. Também vale destacar os professores Orlando Sattamini Duarte, que era uma sumidade em Neuroanatomia, o professor Agnesi, de Histologia, militar e por isso disciplinador e muito exigente, e o professor Aderbal Sabrá, de Biofísica.

O corpo docente era muito bom. No quarto ano do curso, tive a oportunidade de aprender com os mestres Eduardo Vilhena Leite e Antonio Luiz Chaves Gonçalves, este que leciona até hoje na FMP e é o professor titular de DIP, disciplina a qual eu leciono.

Lembro que o professor Arthur de Sá Earp Neto ia muitas vezes a Brasília, verificar como estava a situação da FMP. Ele era uma pessoa muito voltada para a faculdade e também muito presente. Era nosso professor de Deontologia Médica e exigia, ao entrar na sala, que todos se levantassem. Ele só dava aula de terno, era muito inteligente, culto e com metas bem amplas para a nossa instituição. Na época, ele só conseguiu o prédio da Estrada da Saudade, que seria uma maternidade e foi cedido pela própria comunidade local para a sede da FMP.

O professor Arthur tinha como uma de suas metas tornar a cidade de Petrópolis uma Cidade Universitária, projeto que a sua filha Maria Isabel de Sá Earp de Resende Chaves, supervisora geral da FMP/Fase, pretende realizar.

Após dois anos vivendo na “república”, voltei a morar no Rio de Janeiro e passei a vir para a faculdade de carona com um colega de classe que morava perto de minha casa, mas na maioria das vezes eu subia e descia a serra de ônibus. A rodoviária ficava relativamente perto da minha casa na Tijuca e o trânsito não era tão intenso como o de hoje. Dessa forma, eu chegava muito cedo na faculdade. Voltar a morar no Rio era mais barato do que residir em Petrópolis.

A FMP era pequena – só existiam duas salas, G1 e G2 – o acesso era por uma escada que descia até a portaria principal, brincávamos que a faculdade estava situada a 800m acima do nível do mar e a 20m abaixo do nível da rua. Depois houve uma boa reforma, melhorou bastante, mas ainda era muito pequena. Apesar disso, a faculdade proporcionava que nós estudássemos muito. A biblioteca era relativamente modesta, depois foi aumentando, mas as condições básicas para estudar existiam, inegavelmente. Tínhamos um microscópio para cada aluno, cada um tinha sua caixinha de lâminas e podíamos estudar a hora que quiséssemos para a prova.

Os obstáculos só serviram como estímulo e o meu grupo também era muito bom, nos dávamos muito bem. Tive colegas de turma vindos de vários estados brasileiros, como Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, assim como ocorre até hoje. Nós estudávamos na “república”, mas como sempre estava cheia de pessoas, dificultava o estudo. Então eu saía à noite, no inverno petropolitano, que à época era muito mais rigoroso do que o de hoje, para dissecar peças anatômicas e me preparar para as provas de anatomia.

Quando eu me formei, em 1975, cinco meses depois houve uma prova nacional para o antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS – posteriormente absorvido pelo Ministério da Saúde) e eu passei em primeiro lugar no concurso com apenas três vagas para a Região Serrana, com os conhecimentos adquiridos na FMP. O número de candidatos era imenso. Com a minha nota, eu poderia optar por qualquer lugar no Brasil.

O DASE foi criado naquela época. A sede existia na própria Estrada da Saudade. Eu participava do Diretório não com um cargo, mas como ouvinte em reuniões científicas. Não havia ligas acadêmicas como hoje, nem outras formas de movimentação estudantil, pois a repressão do regime militar era muito grande. A participação estudantil se dava através do Diretório Acadêmico. Um ponto importante: quando eu era aluno do Colégio Pedro II, que era uma escola extremamente politizada, participei de várias passeatas contestatórias à política da época.

No 4º ano do curso de Medicina, tornei-me monitor de DIP – Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias –, o primeiro serviço da FMP em convênio com a PMP, onde posteriormente exerci meu Internato. O primeiro plantão que existiu no DIP foi dado por mim. Na época, o DIP ficava localizado em um prédio muito antigo (posteriormente reformado). Neste plantão citado, eu dormi em um colchão no chão, com um lençol e uma coberta e no porão havia muito entulho, que atraía roedores. Eu brinco que em meu primeiro plantão estávamos eu, uma auxiliar de enfermagem e um rato! No início, era um plantão por semana. Começamos com 14 monitores, mas depois restaram somente três: eu, a Maria das Graças Jordão Hertz e o Marco Antônio Andrade de Souza. Então, quase todo dia tínhamos um plantão. Quando o Hospital do DIP, na área do Hospital Municipal Nelson de Sá Earp (HMNSE), foi erguido pela Prefeitura, a parte acadêmica do DIP – as salas de aula, o anfiteatro e ambulatorios foram construídos pela FMP. Mas, quando a estrutura ficou totalmente pronta, eu já havia me formado.

A parceria pública/privada sempre foi extremamente importante entre a FMP e posteriormente entre a FMP/Fase e a Secretaria de Saúde de Petrópolis.

A FMP/Fase além dos professores e preceptores que lá trabalham, participou das obras realizadas no Hospital de Ensino Alcides Carneiro, do Hospital Nelson de Sá Earp e dos postos de Saúde da Família. Os alunos são obrigados por lei a terem a sua formação prática em hospitais e ambulatorios públicos para adquirirem uma visão mais realista da população carente.

Fiquei quase três anos afastado da faculdade para cursar Residência em Pediatria no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, da UFRJ. Naquela época, a FMP ainda não oferecia programas de Residência. Como eu tinha sido monitor de DIP em Petrópolis, os casos de infectologia pediátrica, principalmente doenças exantemáticas, meningite, difteria etc do IPPMG/UFRJ, começaram a ser encaminhados para mim. Eu tinha três anos de experiência com a supervisão do Dr. Antonio Luiz Chaves Gonçalves e do Dr. Samuel Kierzbaum, que também me auxiliou na área de Pediatria. Desde então, passei a ter uma ligação muito grande com a infectologia pediátrica. No final da Residência, passei a trabalhar na Saúde Escolar do Município do Rio de Janeiro e fazia cursos de reciclagem.

O retorno para Petrópolis foi através do concurso do INAMPS, citado anteriormente. Por ter sido o primeiro concurso público para médicos na área de saúde no Brasil, fui chamado somente um ano depois da classificação para trabalhar como médico pediatra em ambulatório. Na época, o salário era relativamente bom. Como eu já atuava na Saúde Escolar do município do Rio de Janeiro e na urgência do Hospital Municipal Nelson de Sá Earp e não podia, por lei, ter três vínculos públicos, assim como é ainda hoje, pedi demissão do vínculo público do Rio de Janeiro.

De volta à cidade querida, em 1977 fui convidado pelo médico e professor titular do DIP Eduardo Vilhena Leite, com autorização do Dr. Arthur de Sá Earp Neto, pai da atual diretora da Fase e supervisora geral da FMP/Fase, professora Maria Isabel de Sá Earp de Resende Chaves, a assumir o cargo de professor auxiliar de ensino, dando aulas na faculdade e recebendo os alunos no DIP. Desde então, já são 40 anos de magistério, período no qual fui homenageado 26 vezes em formaturas do curso de Medicina. Posteriormente, terminei o mestrado em Filosofia da Educação e, em seguida, em Educação Geral (ambos realizados na UCP, onde eu era professor adjunto). Este último mestrado originou a tese: “A Importância do Ensino de Infectologia Pediátrica na Formação do Médico”, pesquisa esta que faz parte do acervo da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM). Após o referido período, galghei a vaga para professor assistente na FMP, cargo que ocupo até hoje, além de diretor.

Acompanhei as obras do campus novo e sua inauguração na Avenida Barão do Rio Branco, a poucos minutos do Centro Histórico de Petrópolis. A professora Isabel e o Dr., Afonso de Resende Chaves, seu esposo e diretor financeiro da instituição, convidavam periodicamente os professores para visitarem as obras. Eu vinha sempre. Este terreno não foi o primeiro a ser visto. O professor Arthur já nutria a ideia de transferir a faculdade para um lugar maior. Uma destas casas que compõem o campus pertencia ao pai de um ex-aluno que facilitou a venda. Depois disso, outras casas foram sendo compradas.

A faculdade cresceu muito em um espaço de tempo relativamente curto. Na atual conjuntura, enquanto outras faculdades, principalmente no estado do RJ, estão atravessando um momento crítico, diminuindo seu campus, nós aumentamos o nosso. Não há uma pessoa que venha aqui e não fique encantada com nosso campus belíssimo, inserido na Mata Atlântica. Petrópolis é uma cidade que atrai, tem todo um *glamour* de Cidade Imperial e a faculdade acompanhou esse *status*. Ex-alunos quando vêm visitar o campus, uma vez que a maioria só tenha conhecido o prédio na Estrada da Saudade, fazem várias fotos, trazem as esposas ou os maridos, os filhos e mostram em fotografias como era e como está hoje. Para nós, egressos, é maravilhoso acompanhar todo esse progresso da FMP.

O convite para assumir a direção da Faculdade de Medicina de Petrópolis veio quando eu era vice-presidente da Unimed Petrópolis, em 2010, na chapa que tinha como presidente o Dr. José Carlos Sant'Anna de Araújo. Recebi uma ligação de Jaqueline, secretária da supervisora geral da FMP/Fase, professora Maria Isabel – a essa altura, Dr. Arthur já havia falecido – para comparecer a uma reunião na faculdade naquele mesmo dia. Mas, na época eu atendia quase 300 pacientes pediátricos por mês. Com o consultório cheio, precisei remarcar o compromisso. Compareci à faculdade naquela mesma semana, achando, sinceramente, se tratar de uma reunião administrativa, pois muitas vezes representava o Dr. Antônio Luiz Chaves Gonçalves titular do DIP.

Foi quando a professora Maria Isabel me fez o convite: “Paulo Cesar, eu gostaria que você fosse diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis”. Foi um choque para mim, um susto. Eu fiquei encantado com o pedido, mas por outro lado eu precisaria renunciar ao cargo para o qual eu havia sido reeleito para um período de 4 a 5 anos. Antes de dar qualquer resposta, liguei para o Dr. José Carlos no dia seguinte. Mas tive muitas dúvidas. Apesar de ter mestrados em Educação e um MBA em Gerência de Saúde pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), nunca havia ocupado um cargo aqui na faculdade como administrador. Passei alguns dias de estresse. Maria Isabel marcou uma outra reunião, quando fiz ponderações, pois não poderia assumir imediatamente.

Era impossível ocupar os dois cargos (Unimed e FMP). Já estava começando a diminuir o número de pacientes no consultório; pela manhã eu dava aula teórica ou fazia rounds com os alunos e posteriormente ia para a Unimed. Foi um período de noites mal dormidas, mas eu tinha que decidir. Até que aconteceu um fato interessantíssimo. Liguei para minha prima Maria Graziela Maia Godinho, para lhe desejar feliz aniversário, e comentei sobre esse fato, uma vez que ela era professora titular de três faculdades no Rio de Janeiro, mas não ligadas à área de saúde. Eu disse que estava com muitas dúvidas e ela deu o xeque-mate: “É a coroação de um processo. Se você não aceitar, vai se arrepender profundamente”. Era a visão de uma pessoa experiente e a opinião que faltava para eu tomar a minha decisão. Tratava-se da faculdade onde havia me formado e onde lecionava. Na terceira reunião com Isabel, acertamos tudo.

No momento, faço parte da Diretoria da Sociedade Brasileira de Pediatria, coordenando simpósios e congressos da SBP; participei por seis anos do Departamento de Infectologia também da SBP, quando, com outros colegas de várias faculdades do Brasil, representei o nosso país em várias nações. Sou membro da Sociedade de Pediatria do Estado do Rio de Janeiro, onde faço parte do Comitê de Infectologia há 16 anos, e coordenador das Regionais da SOPERJ há mais de 10 anos.

Eu sempre me orgulhei profundamente de ser um ex-aluno da FMP, instituição que está progredindo a olhos vistos. Tenho dois casacos que foram dados como presente pela Associação Atlética Medicina

Petrópolis, que visto nos congressos ou importantes viagens no exterior. O nome da FMP já circulou comigo em lugares como Nice, na França; Leipzig, na Alemanha; Graz, na Áustria; São Petersburgo, na Rússia; Buenos Aires, na Argentina; Atenas, na Grécia, entre outros países.

Num país como o Brasil é muito difícil fazer um prognóstico a longo prazo e estamos passando por um momento muito difícil, mas espero que melhore. Penso que temos que ver os fatos com bons olhos, principalmente nós, professores universitários, pois um professor que lida com o jovem dentro de um pessimismo total não vê o amanhã, não prepara esse jovem para dias melhores. Eu acho que vamos ter dias melhores.

As faculdades privadas estão alcançando um patamar muito grande, como aconteceu com o ensino fundamental e o ensino médio, até pela facilidade da sua administração, que é mais pragmática. Antigamente, os cursos primário, ginásio e científico oferecidos pela instância pública eram considerados os melhores; hoje, infelizmente, não são mais. Acho que tanto a FMP, quanto a Fase, com seus cursos de Enfermagem, Nutrição, Administração, Psicologia, Odontologia, Tecnólogos, pós-graduação e extensão estão ganhando esse espaço. Nós temos alunos e professores maravilhosos aqui. Então, acho que devemos galgar uma posição ainda melhor nos próximos anos.

Já formamos mais de quatro mil médicos que estão exercendo de forma assistencial e também de forma acadêmica essa belíssima profissão que é a Medicina, em várias partes do Brasil e do mundo. Recentemente, convidamos membros da Academia Brasileira de Medicina para um encontro científico em celebração ao Jubileu de Ouro da FMP e também muitos ex-alunos com mestrado, doutorado e pós-doutorado, como a colega Leila Chimelli, de gabarito fantástico, atuando em patologia oncológica na Fiocruz, e Maurício Younes Ibrahim, nefrologista e professor da Uerj, ambos candidatos à Academia Nacional de Medicina. O grande idealizador do evento foi o acadêmico Claudio Ribeiro, também um ex-aluno.

É só olhar o passado e o presente. O futuro está muito alicerçado no ontem e no hoje. Eu acredito muito nas empresas que começam pequenas e vão melhorando. Já está mais do que provado que se deve investir em uma empresa quando ela está em ascensão. Estamos criando um novo edifício para salas de aula, um ginásio poliesportivo, uma piscina semiolímpica, mais um prédio no terreno do Ambulatório Escola, climatizando as salas, entre outros investimentos. O futuro é promissor.

Sinto-me muito honrado por ter participado dessa história, primeiramente como aluno e, posteriormente, como professor e agora como diretor. É uma história muito bonita. Acho que dei uma pequena contribuição e a Faculdade de Medicina de Petrópolis, com a dedicação dos seus dirigentes, do seu corpo docente, discente e colaboradores será a cada dia, a cada mês e a cada ano uma faculdade melhor, honrando a cidade de Petrópolis, o Estado do Rio de Janeiro e o Brasil.

Movimento dos Estudantes de Medicina no Brasil

The movement of medical students in Brazil and in the Faculty of Medicine of Petrópolis

El movimiento de los estudiantes de medicina en Brasil y en la Facultad de Medicina de Petrópolis

Rafaela Bezerra Lima

FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

rafaelablma@hotmail.com

O movimento estudantil historicamente desempenha um papel de extrema importância na luta por transformações sociais e pela melhoria da educação no Brasil. E na medicina não é diferente. Fazer um resgate histórico da nossa luta nos ajudam a compreender quem somos e, quem sabe, entender também para onde vamos.

A primeira faculdade de medicina no Brasil foi fundada em 1808, na Bahia. Porém, a disseminação das escolas médicas no país só se deu em meados do século XX. O movimento estudantil organizado, no entanto, nasce com a criação da Federação dos Estudantes Brasileiros, em 1901, e com a realização do I Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo, em 1910. Entretanto, acompanhando o crescimento do ensino superior no país nas primeiras décadas do século, a “diversidade de opiniões e propostas crescia, assim como o desejo de todos em formar uma única entidade representativa, forte e legítima, para promover a defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social”¹.

Apesar de muitas tentativas, desde o início do século XX, de se organizar um Movimento Estudantil nacionalmente, apenas em 1937, com a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), nasceu uma entidade estudantil que possuía um eco em todo o país. Em termos locais, as faculdades se organizavam a partir de centros e diretórios acadêmicos.

Em diferentes níveis, os estudantes debatiam os problemas nacionais, defendiam mudanças sociais profundas e lutavam por uma reforma da universidade. Em meio à tensão crescente entre os movimentos sociais e os grupos conservadores da sociedade, nos anos 60, em meio à forte repressão no contexto do regime militar, realizou-se, em 1969, o Encontro Científico dos Estudantes de Medicina (ECEM), importante espaço em nível nacional de discussão política sobre mudanças sociais em curso. O nome dado ao evento foi propositalmente escolhido como *encontro científico* para burlar a ditadura, que criminalizava qualquer organização política na época. Marco para a organização dos estudantes de medicina, o evento continua existindo anualmente, até os dias atuais.

¹ <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>

Anos depois, no contexto da redemocratização do país, em 1986, ocorreu a Oitava Conferência Nacional de Saúde. Influenciada pelo movimento da reforma sanitária e com grande participação popular, a oitava conferência foi um marco histórico na luta pela universalização da saúde no Brasil e culminou na criação do Sistema Único de Saúde, legitimado pela constituição de 1988. Neste cenário, destaca-se a importância do movimento estudantil de medicina na luta pela redemocratização e na criação do SUS, fincando bandeiras na luta por educação e saúde 100% públicas, gratuitas e de qualidade. Neste mesmo ano, durante o XVII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina, é fundada a Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), entidade representativa dos estudantes de medicina, que surgiu da necessidade dos estudantes, que já se organizavam, de terem sua participação política ampliada.

Nas décadas seguintes, a luta pela consolidação do SUS se intensificou e o panorama das escolas médicas no Brasil se modificou significativamente. Segundo dados do Conselho Federal de Medicina, só nos últimos 20 anos o número de faculdades de medicina no Brasil triplicou. Essa expansão se deu, em sua maioria, através do setor privado, o que vem representando um projeto político de desmonte da educação pública no país. Diante dessa conjuntura, o movimento estudantil de medicina inclui em suas pautas a luta contra a mercantilização da saúde e da educação.

As faculdades privadas, que hoje são maioria no Brasil, passam a se destacar neste debate, que problematiza questões como regulamentação das escolas médicas, mensalidades abusivas, gestão dos hospitais universitários, Fies, Prouni, dentre outras políticas de assistência e permanência estudantil, o que alerta para o questionamento sobre a qualidade do ensino e dos profissionais médicos que estão sendo formados.

Para além, hoje o movimento estudantil pauta-se cada vez mais por questões como opressões e exclusões, dando voz e impulsionando os movimentos feminista, negro, LGBT e outras mobilizações sociais dentro das universidades. Dessa forma, traz à luz a reflexão sobre quem está acessando a universidade no Brasil. A barreira de seleção, que começa no vestibular, com o mito da meritocracia, a insuficiência do sistema de políticas afirmativas como cotas e bolsas junto a altas mensalidades das universidades privadas e a grande concorrência das universidades públicas seleciona o perfil socioeconômico e cultural de quem é o estudante de medicina no Brasil hoje: maioria branca, de classe média e oriundos do sistema privado de educação básica. Essa barreira que a grande maioria da população enfrenta no acesso ao ensino superior compromete uma formação médica plural, crítica, socialmente referenciada e voltada às necessidades da maioria da população brasileira.

MOVIMENTO DOS ESTUDANTES NA FACULDADE DE MEDICINA DE PETRÓPOLIS

Em 1975, estudantes de medicina se reuniam na cidade de Petrópolis para discutir política, saúde, educação no VII ECEM. Embora não se tenha encontrado registros sobre as origens da organização dos estudantes na Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP), certamente a realização desse evento na sede da instituição denota a força do movimento local desde então.

Hoje, o Diretório Acadêmico Sá Earp (DASE), como um órgão representativo dos estudantes, atua para muito além das funções burocráticas, ainda que elas também sejam necessárias. Entendemos que as demandas internas são importantes, mas elas sempre continuarão a existir enquanto não nos inserirmos como participantes ativos da construção da nossa faculdade, e não como meros "clientes" que consomem o "produto" que nos é oferecido.

Assim sendo, nos últimos anos, o DASE tem desenvolvido diversas atividades que dialogam com essa percepção de universidade. Construímos uma gestão horizontal, aberta e ativa. Promovemos, com o apoio da faculdade, as primeiras recepções aos novos ingressantes da medicina, com diversas palestras, oficinas teóricas e práticas, aumentando a integração entre os alunos de forma saudável. Achamos importante também, a inserção dos alunos no processo de reforma curricular, aprofundando nossos debates acerca da educação médica. Também nos juntamos à luta de outras universidades através do movimento estudantil, exercendo ativa participação na construção da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM).

Dentro de todo esse contexto, reafirmamos quão necessário é inserir-se na realidade para além dos muros da universidade, a fim de compreender, questionar e transformar a sociedade em que vivemos, defendendo sempre uma formação crítica e emancipatória.

Na atual conjuntura política, em que está em curso uma agenda brutal de retirada de direitos, a luta estudantil torna-se cada vez mais indispensável. Entendendo saúde para além da ausência de doença, na perspectiva ampla da determinação social, podemos dizer que lutar contra os retrocessos como a reforma da previdência e a reforma trabalhista é lutar também pela saúde da população brasileira. Cabe também ao movimento estudantil lutar contra as opressões em favor das minorias, como mulheres, negros e LGBTQI+, a fim de que tais grupos deixem de ser invisibilizados e tenham voz na construção e efetividade de políticas públicas de saúde voltadas para suas especificidades.

Para tanto, é preciso se organizar e quebrar os muros da universidade, seja através dos centros e diretórios acadêmicos, projetos de extensão, ligas, coletivos, movimentos sociais.

Sonhar e lutar com outro projeto de sociedade é trazer de volta a esperança de que dias melhores virão, e cabe à juventude, mais do que nunca, alimentar esse sonho.

VII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina do Brasil: Breves Anotações de Pesquisa Sobre um Evento na Época da Ditadura Militar, Realizado em Petrópolis, em 1975



VII SCIENTIFIC MEETING OF STUDENTS OF MEDICINE OF BRAZIL: brief notes of research on an event at the time of the military dictatorship, held in Petrópolis, 1975

VII ENCUENTRO CIENTÍFICO DE LOS ESTUDIANTES DE MEDICINA DEL BRASIL: breves anotaciones de investigación sobre un evento en la época de la dictadura militar, realizado en Petrópolis, en 1975

Eduardo Navarro Stotz

Fiocruz/FMP/FASE

Petrópolis, RJ-Brasil

eduardostotz@gmail.com

Em levantamento de pesquisa procedida por membros da Comissão Municipal da Verdade de Petrópolis, em 6 de março de 2016, no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), sobre o tema “Movimento estudantil” e o termo de busca “Universidade Católica de Petrópolis”, foram encontrados diversos documentos relativos ao *VII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina do Brasil*, realizado sob os auspícios da Faculdade de Medicina de Petrópolis, denominado *VII ECEM-Brasil*, e instalado no Santapaula Quitandinha Clube, de 13 a 20 de julho de 1975.

Os documentos estão organizados por meio do Encaminhamento 062, da Seção de Buscas Especiais da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, datados de 29 de julho de 1975, os quais incluem um relatório “decorrente da observação por parte dos integrantes desta seção, em colaboração junto à 32ª BI/MTz”. Fazem parte desse dossiê os documentos: Estatutos e Regimento Geral do evento; “Poucas palavras”, escritas pelo acadêmico Rubens Apoitia a propósito do supracitado estatuto; croquis do centro da cidade de Petrópolis, com as vias públicas de acesso; “Do VII ECEM-Brasil”, datado de 19 de julho de 1975, escrito pela delegação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina de Vitória (ES); “Boletim ‘Da necessidade e importância do VII ECEM-Brasil’”, assinado pelos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Medicina de Petrópolis e Teresópolis; “III Encontro de Escolas Médicas do Estado de São Paulo – relatório final”, com informações a respeito das perspectivas atuais do mercado de trabalho; e “Programação Científico-Social do VII ECEM-Brasil”.

É importante observar que o nome do evento – “encontro científico” – tem por objetivo descaracterizar qualquer intenção política, sendo uma imposição do Ministério da Educação, quer dizer, de sua Divisão de Segurança e Informações. Nota-se também a exigência da elaboração de Estatuto e Regimento.

A despolitização pretendida pelas autoridades é, contudo, posta em questão pelos estudantes.

Assim, os estudantes de Vitória fazem críticas à organização do evento no qual apontam a anarquia reinante e as divisões políticas sectárias, ressaltando, em contrapartida, a infra-estrutura de recepção dos estudantes, o bom nível dos debates e dos curtos paralelos, assim como a importância dos grupos de discussão. Destacam a necessidade de uma organização mais democrática do Encontro e defendem que, a par do apoio dos órgãos governamentais, os estudantes deviam manter sua autonomia.

Participação política e autonomia são os temas do documento dos diretórios dos estudantes de Petrópolis e de Teresópolis. O boletim assinado pelos diretórios começa por ressaltar a necessidade de o estudante brasileiro vir a discutir os problemas da sociedade brasileira e opina não se poder “negar ao estudante o dever de participação ativa na sociedade sobre a qual vai atuar como profissional”. Critica também o divisionismo político, apela contra o “fechamento” das discussões e das votações, de modo a tirar um saldo positivo do encontro. Protesta veementemente contra a retirada da programação do ECEM do painel “Vida Universitária” e assinala, como parte da vida universitária, as seguintes manifestações:

USP entra em greve

FMBa entra em greve

FEFIEG faz luto por causa do seu hospital

Bragança (SP) sofre intervenção federal

EMESCAM pede continuação da intervenção federal

FM Petrópolis boicota pagamento (6º. Ano)

Insatisfação geral no meio estudantil

Pergunta: “A Universidade está em crise?”

A retirada do tema aparentemente devido à ação do Ministro da Educação – que, aliás, recusa-se a participar do evento – leva à afirmação de que se removeu “um dos alicerces do evento”, despolitizando abertamente o ECEM. A alternativa é, na visão dos dois diretórios, uma discussão mais aprofundada e “mastigada” do temário científico.

O boletim termina por esperar que a “distensão” [a política de abertura política do governo Geisel] chegasse à Universidade e permitisse o debate dos seus problemas.

A programação científica está estruturada a contemplar mesas-redondas, temas livres científicos e cursos paralelos (atualização em Pediatria, Parasitoses e Métodos e Sistemas de Tratamento Intensivo e de Choque).

Os temas das quatro mesas foram: **O ensino médico**, organizado pelo Prof. Dr. Aloysio Salles, presidente da Associação Panamericana de Escolas Médicas, com as questões “O ensino médico e a realidade nacional de saúde”, “Qual o tipo de médico está se formando?” e “Que tipo exige a realidade nacional de saúde?”; **Currículo Médico**, coordenado pelo Prof. Dr. José de Paula Lopes Pontes (Clínica Médica da UFRJ); **Residência Médica**, com a participação do Prof. Dr. Eduardo Marcondes (Clínica Pediátrica da US) e representante da Associação Nacional de Médicos Residentes; **INPS e mercado de trabalho**, com a participação dos Profs, Drs. Hugo Batista (Secretário de Serviços Médicos do MPAS) e Hezio Cordeiro (UERJ); Saúde Pública, subdividido nos subtemas “Desnutrição e sua consequência” e “Doenças epidêmicas – Dados epidemiológicos da Meningite”, dos quais participaram os Profs. Drs. Fernando José de Nóbrega (Pediatria de Botucatu, SP) e José da Silva Guedes (Assessor Técnico da SES-SP, Prof. da Faculdade de Saúde Pública da USP e da Santa Casa de São Paulo) e “Doenças Endêmicas” e “Situação da Saúde Pública no Brasil”, com a participação dos Profs. Drs. José Rodrigues Coura (Doenças Infecciosas e Parasitárias da UFRJ) e Bichat de Almeida Rodrigues (Coordenador de Saúde do Ministério da Saúde).

Participaram dos cursos paralelos os profs. Drs. Aderbal Sabrá (Clínica Pediátrica), Ottilio Leite Machado (Parasitologia) e Milton Madruga (Microbiologia e Imunologia) da Faculdade de Medicina de Petrópolis.

Não há informação a respeito dos temas científicos livres.

Damos estas notícias do passado na esperança de que venham interessar a juventude estudantil da Medicina, principalmente da FMP, de modo a incluir em sua formação a relevância dos temas então abordados.